



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DIREITO

***Captura Críptica:* direito, política, atualidade**

Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito
da Universidade Federal de Santa Catarina

Captura Críptica: direito, política, atualidade.
Revista Discente do CPGD/UFSC
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Centro de Ciências Jurídicas (CCJ)
Curso de Pós-Graduação em Direito (CPGD)
Campus Universitário Trindade
CEP: 88040-900. Caixa Postal n. 476.
Florianópolis, Santa Catarina – Brasil.

Expediente

Conselho Científico

Prof. Dr. Jesús Antonio de la Torre Rangel (Universidad de Aguascalientes - México)
Prof. Dr. Edgar Ardila Amaya (Universidad Nacional de Colombia)
Prof. Dr. Antonio Carlos Wolkmer (UFSC)
Prof^a Dr^a Jeanine Nicolazzi Phillippi (UFSC)
Prof. Dr. José Antônio Peres Gediel (UFPR)
Prof. Dr. José Roberto Vieira (UFPR)
Prof^a Dr^a Deisy de Freitas Lima Ventura (IRI-USP)
Prof. Dr. José Carlos Moreira da Silva Filho (UNISINOS)

Conselho Editorial

Ademar Pozzatti Júnior (CPGD-UFSC)
Carla Andrade Maricato (CPGD-UFSC)
Danilo dos Santos Almeida (CPGD-UFSC)
Felipe Heringer Roxo da Motta (CPGD-UFSC)
Francisco Pizzette Nunes (CPGD-UFSC)
Leilane Serratine Grubba (CPGD-UFSC)
Liliam Litsuko Huzioka (CPGD/UFSC)
Luana Renostro Heinen (CPGD-UFSC)
Lucas Machado Fagundes (CPGD-UFSC)
Marcia Cristina Puydinger De Fázio (CPGD-UFSC)
Matheus Almeida Caetano (CPGD-UFSC)
Moisés Alves Soares (CPGD-UFSC)
Renata Rodrigues Ramos (CPGD-UFSC)
Ricardo Miranda da Rosa (CPGD-UFSC)
Ricardo Prestes Pazello (CPGD-UFSC)
Vinícius Fialho Reis (CPGD-UFSC)
Vivian Caroline Koerbel Dombrowski (CPGD-UFSC)

Captura Crítica: direito política, atualidade. Revista Discente do Curso de Pós-Graduação em Direito. – n.2., v.2. (jan/jun. 2010) – Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010 –

Periodicidade Semestral

ISSN (Digital) 1984-6096

ISSN (Impresso) 2177-3432

1. Ciências Humanas – Periódicos. 2. Direito – Periódicos. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Ciências Jurídicas. Curso de Pós-Graduação em Direito.

Estudar na Europa – impressões de uma andante de primeira viagem

*Clarissa Franzoi Dri**

Tudo começou no segundo ano do curso de direito da Universidade Federal de Santa Maria. A euforia da entrada na universidade havia passado e o sonho de fazer justiça através do direito era cotidianamente enterrado sob os códigos e manuais indicados. Surge então uma tal professora Deisy, que retomava suas atividades docentes depois de um afastamento para o doutorado. Todas as quartas-feiras pela manhã, era como se um raio de luz trouxesse finalmente para a sala de aula o pensamento, a crítica, a abertura e a provocação. Elementos tão essenciais e às vezes tão ausentes na universidade. Estava provado: apesar das insistentes aparências, podia-se pensar em uma faculdade de direito.

Só que a professora Deisy estudava direito internacional. Para piorar, direito da integração regional. Ainda por cima, tinha feito um doutorado na Europa. Cruzes. Como assim, estudar o direito e a política do Mercosul? O Estado não serve para isso, diriam os adeptos do mercado, precisamos nos concentrar na economia. Isso é muito econômico, diriam os socialistas, precisamos nos concentrar nos problemas sociais nacionais. Críticas levianas que me confundiram por algum tempo, sem conseguir me dissuadir de que se havia alguma luz no fim (e no meio) do meu curso de direito, ela vinha do estudo das relações internacionais. Mais precisamente, do estudo da América Latina, de seus laços internos e de seu lugar no mundo.

Algum tempo depois, um pouco menos ingênua mas nem por isso menos idealista, começo o mestrado em direito das relações internacionais na Universidade Federal de Santa Catarina. As limitações do direito para a compreensão dos problemas locais e globais ficam cada vez mais patentes,

* Bacharel em Direito da Universidade Federal de Santa Maria, RS. Mestre em Direito das Relações Internacionais da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutoranda do Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Bordeaux. Professora convidada do Instituto de Estudos Políticos de Paris.

assim como a falta de seriedade de algumas das pesquisas conduzidas no Brasil. Era preciso saber o que se passava em outros lugares, conhecer novos parâmetros de análise, enxergar com novas lentes. Se a professora Deisy tinha estudado na França, não podia ser tão ruim. Aprender integração no berço do regionalismo e conhecer uma nova cultura. Simples assim, sem critérios profundamente pensados e pesados, sem uma idéia exata do que me esperava. Fui parar em Bordeaux. Mas dessa vez na ciência política, mais próxima dos vinhedos.

Por sorte do destino, escolhi realizar uma pesquisa comparada entre o Mercosul e a União Européia em uma universidade conhecida por seu Centro de Estudos da África Negra. Bordeaux, importante porto negreiro no século XVIII, busca se reconciliar com seu passado também na academia. Resultado: em poucos meses conheci mais sobre a história e a realidade desse continente do que em anos de estudo no Brasil. Tive a felicidade de encontrar vários estudantes africanos que viraram bons amigos e semearam uma grande vontade de conhecer de perto seus países de origem. Conheci também europeus, norte-americanos, chineses, indianos e australianos, entre tantos outros, porque quando viajamos nos tornamos mais abertos ao outro e tememos menos. Sábua conduta que não deixarei de adotar no meu cotidiano no Brasil.

Pude sentir de perto as marcas soviéticas no leste europeu e entendi, a duras penas, porque lá as pessoas preferem a direita ultra-conservadora aos partidos socialistas e comunistas. O contato com a história dessa região me permitiu enxergar melhor meu próprio continente, que também tem a sua Rússia. Convivi com as declarações diárias de Sarkozys e Berlusconi que me fazem duvidar das potencialidades da Europa de hoje. Aprendi sobre a luta e a dor com os bascos, essa gente reservada que fala uma língua incomparável e está disposta a perdoar os erros espanhóis. De lambuja, desenvolvi minha própria pesquisa, reflexo dessas vivências contraditórias e do aprendizado das teorias e métodos da sociologia política francesa.

Vários pontos impressionam no sistema acadêmico francês. A investigação científica se organiza em torno de laboratórios, integrados por professores da universidade e também por pesquisadores exclusivos contratados pelo CNRS (o CNPq francês). Cada faculdade ou departamento pode ter um ou mais laboratórios temáticos. Os laboratórios dispõem de bibliotecas e pessoal especializado que cumpre funções técnicas além das administrativas. Além da administração e execução do orçamento, desempenham atividades de gestão

documental e bibliográfica, organização de congressos e seminários e assistência à pesquisa. E o mais importante, todos têm consciência da importância central dessas tarefas para a vida universitária e são tratados com respeito e equidade. Em geral, os laboratórios promovem pelo menos um seminário interno anual, com sessões quinzenais ou mensais, onde os pesquisadores podem apresentar seus trabalhos ou convidar colegas de outras universidades para expor. Os membros do laboratório têm o hábito de ler com antecedência o artigo que vai ser apresentado e comparecer ao seminário para discutir e apresentar críticas e sugestões – ou seja, professores têm o hábito de escutar seus colegas professores. Claro, nem tudo é perfeito, a baixa participação pode ser um problema em algumas universidades ou em algumas épocas do ano. Mas o princípio existe e é aplicado, incrivelmente. Outra vantagem é que a orientação de mestrandos e doutorandos é normalmente um pouco mais séria do que no Brasil, havendo mais probabilidade de que o professor leia e comente o trabalho de seu orientando, e mesmo, nos melhores casos, de que ofereça um real apoio durante todo o período de elaboração da pesquisa.

Há também elementos menos glamorosos. A participação estudantil nos órgãos decisórios da universidade é débil e o movimento estudantil não existe exatamente com esse conceito. Existem associações e grupos políticos organizados pelos estudantes, para debater assuntos específicos – por exemplo, o conflito Israel-Palestina, os desafios climáticos, as questões latino-americanas – ou para divulgar ideologias e ações dos partidos políticos na universidade. Mas não existem centros ou diretórios acadêmicos como os conhecemos, o que dificulta a organização das forças estudantis para discutir e intervir nos temas relacionados à vida universitária. A paridade nos conselhos nem se discute, e os reitores e diretores de faculdade estão acostumados a uma administração mais técnica e menos democrática. Dá para imaginar a minha surpresa ao constatar que o Brasil está mais avançado no quesito democracia na universidade do que o país da revolução... (mas é melhor não falar muito alto e bater na madeira para não dar azar).

Outro fator questionável é a falta de estímulo para a pesquisa antes do doutorado. Apenas doutorandos e professores são considerados pesquisadores; não há a idéia da iniciação científica. Por um lado isso racionaliza recursos e os investimentos são direcionados para quem continuará na pesquisa. Por outro, os estudantes chegam ao doutorado sem experiência de investigação e publicação e

perdem a oportunidade de ter essa vivência durante a graduação. Aliás, extensão universitária também fica faltando: já procurei bastante e constatei que na Europa ela não nasceu, muito menos se desenvolveu. Por falta de vontade ou de necessidade, talvez? Uma pena, pois na França é evidente que o Estado não consegue fazer tudo. Além disso, estudantes e professores perdem essa chance de contato com os problemas da sociedade e correm o risco de conduzir pesquisas muito afastadas das reais necessidades de sua região.

Em termos gerais, a seriedade, a politização e a capacidade de contestação poderiam ser valores de exportação da cultura francesa. Mesmo que às vezes explorados levemente à exaustão. No último inverno, com o início da campanha de vacinação contra a gripe H1N1, a reclamação contra os possíveis efeitos colaterais nocivos da vacina era geral e as críticas ao governo por incentivar a vacinação, ácidas. Quando a ministra finalmente convenceu a população de que, supostamente, valia a pena se vacinar, todos começaram a protestar fortemente contra as filas nos hospitais e a falta de doses para todos. Difícil de entender.

À procura de alternativas à formalidade dos franceses (esse, um valor que não precisaria ser exportado), decidi buscar uma experiência na Europa nórdica para conhecer de perto essa tal mentalidade liberal e o famoso estado social. Logo percebi que uma temporada de pesquisa na Suécia elimina vários problemas. Em primeiro lugar, as dúvidas sobre o clima: é sempre frio, muito frio, não importando a estação nem o mês do ano. É mais garantido ficar dentro da universidade trabalhando do que sair para um passeio. Depois, as dificuldades com a língua: como muito pouca gente tentará se comunicar ou se apresentar, o sueco se torna menos indispensável. E para quem tiver essa sorte, bom, sempre dá para se virar com o inglês. Há até uma propaganda de uma marca de chiclete que seria engraçada se não fosse, no fundo, triste: “*it makes people talk*”. Evitam-se também obstáculos de infra-estrutura: cada doutorando ou professor tem uma sala só para si, a biblioteca tem qualquer livro sonhado ou procurado e com a rede digital da universidade os artigos das revistas científicas pagas se abrem automaticamente no computador após a pesquisa no google. Buscando um artigo que só tem em papel? A biblioteca escaneia e envia. Não à toa, o prédio onde trabalho se chama Éden e fica na rua Paraíso, para não ter engano.

A cultura sueca traz lições muito ricas, entre elas o hábito da negociação e do consenso. Hierarquia e autoridade são práticas relativizadas para que a

igualdade e o interesse coletivo prevaleçam. Mesmo assim, ou por isso mesmo, os cidadãos confiam nas instituições e as vêem como aliadas na defesa de seus direitos. Ninguém quer se destacar dos outros por ser o pior ou o melhor, todos querem estar na média. Todos buscam se vestir, morar e trabalhar mais ou menos nas mesmas condições, afinal todos são iguais. Logo, há menos competitividade e o mundo parece incrivelmente mais humano. A vida pessoal e familiar é priorizada e raríssimos são os acadêmicos que trabalham à noite ou em finais de semana. A igualdade de gênero é um fato: enquanto se discute a extensão da licença-maternidade para as mulheres no Brasil, o Estado sueco tem vários mecanismos para estimular que pais e mães partilhem igualmente o período da licença, que dura um ano.

Entendo o que Chico Buarque quer dizer quando afirma que foi a estadia em Berlim nos anos 30 que permitiu ao seu pai a maturidade necessária para escrever *Raízes do Brasil*. Só agora enxergo a profundidade do conselho do professor Ricardo, que dizia a uma menina amedrontada lá em Curitiba: aproveita esse distanciamento, nos momentos de solidão vais conseguir ver com novos olhos o teu mesmo país. De fato. Aprendi tanto nesse período que tenho a impressão de ter vivido aqui uns dez anos. É uma das maiores lições é que o ser humano é o mesmo em todos os lugares. Obviamente, nem todos europeus conseguem entender certas angústias dos latino-americanos habituados a conviver com a desigualdade e sedentos por mudanças. Mas todos os latino-americanos as entendem e são sensíveis a elas? Encontrei na Europa companheiros de sonho e de esperança assim como os encontrei na América Latina. Eles existem em todos os continentes e a união sempre é mais forte do que a fragmentação. Para se unir, há que estar disposto a conhecer.

Escrevo essas linhas no momento em que inicio a redação da tese. O desafio é tão grande que quase todos os dias me parece insuperável. Mas é preciso superá-lo, e rápido, porque em terras longínquas, bem distantes do Estado social sueco, direitos fundamentais como dignidade, educação, moradia e paz ainda são cotidianamente violados, sem contar a permanente falta de integração e solidariedade na América Latina. É necessário agir. Nesse momento... bom, nesse momento fazer um doutorado na Europa e escrever uma tese vão parecer tarefas fáceis demais, e toda essa teoria há de servir para alguma coisa. Ou ao menos é nisso que temos que acreditar. Vale então mais uma lição do Chico: é preciso acreditar nas coisas inacreditáveis.